

Arte so Frida

A expressão do corpo na obra de Frida Kahlo

CAMILA PIRES, FELIPE SANTOS, FERNANDA BARRETO E GISELE SILVA

camila-pires@uol.com.br • felipefogao@ig.com.br • nandab@openlink.com.br • gisapuc@ig.com.br

"Pintar completou minha vida. Perdi três filhos e uma série de outras coisas que teriam preenchido minha vida pavorosa. Minha pintura tomou lugar de tudo isso. Creio que trabalhar é o melhor."

Frida Kahlo



Frida Kahlo reconstruiu, pincelada por pincelada, sua auto-estima, afetada pelos inúmeros incidentes trágicos que marcaram sua vida. As telas da artista são o espelho através do qual se vê refletida sua

luta contra a dor. Os aspectos mais significativos da biografia da pintora podem ser observados em seus quadros de forma mais aprofundada do que qualquer autor poderia abordar. "Eu me pinto porque estou muitas vezes sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor", escreveu Frida em seu diário, em 1953.

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderon nasceu em 6 de julho de 1907, em Coyocan, no México, estudou em bons colégios e desejava ser médica. Em 17 de setembro de 1925, esta Frida ficou para trás. Ela, que já tinha o pé direito ligeiramente deformado por causa de uma poliomielite que contraiu aos seis anos, foi vítima de um acidente, em que um ônibus chocou-se com o bonde em que viajava. Os resultados foram múltiplas fraturas provocadas por uma barra de ferro que a atravessou, entrando pela bacia e saindo pela vagina. Foram, ao todo, 35 cirurgias para sua recuperação, o que a deixou por muitos anos presa em uma cama.



Auto-retrato com cabelo cortado (detalhe), 1940

Durante esse período de convalescença, ela começou a pintar. Frida encontrou na arte uma forma de se distrair e de extravasar o sofrimento que lhe consumia. "Não raramente a criação é a única forma de vida possível. É criar ou morrer, enlouquecer, sair do mundo, da cultura. Na origem da criação, está sempre a necessidade de lidar com a morte", afirma a psicanalista Miriam Chnaiderman, doutora em Artes pela Universidade de São Paulo.

Segundo ela, a capacidade de criar vem da possibilidade de lidar com o que é mortífero, transformando-o em obra. Miriam ressalta, no entanto,

que é muito antiga e ultrapassada a idéia de que o artista precisa sofrer para criar: "É um preconceito terrível pensar assim. Frida Kahlo amou apaixonadamente. Tinha sede de encontros de fogo e isso a moveu em sua arte".

Foi no Partido Comunista Mexicano, em 1928, que ela conheceu seu marido, o também pintor Diego Rivera. Sua vida amorosa foi marcada por traições, que eram compensadas com os inúmeros amantes de ambos os sexos. Rivera, socialista, foi um importante pintor mexicano do século XX. Fez parte do movimento muralista, que defendia a arte acessível, da qual Frida também era adepta. O pintor a ajudou a revelar-se como artista.

A carreira de Frida foi interrompida, em 1950, devido à deterioração de seu corpo. Aos 43 anos, ela se submeteu a sete cirurgias na coluna, o pé direito começou a gangrenar e precisou hospitalizar-se por causa de uma infecção aguda nos ossos enxertados. Nos seus quatro últimos anos de vida, esteve presa a uma cadeira de rodas. Frida morreu em 13 de julho de 1954. A causa foi, oficialmente, embolia pulmonar, apesar de muitos acreditarem em suicídio.

Arte: espelho de Frida

A pintura foi essencial para Frida se reconstruir internamente. Do ponto de vista da psicanálise lacaniana, a constituição do sujeito psíquico passa pela fase em que o indivíduo constrói sua auto-imagem a partir do olhar do outro. No longo período de recuperação da artista, sua maior companhia foi o espelho que sua mãe pendurou sobre a cama e que a inspirou a começar a pintar auto-retratos.

Segundo Miriam Chnaiderman, qualquer obra de arte é sempre uma tentativa reparadora de mundos internos, despedaçados ou não. "Muito mais do que uma fuga da realidade, a arte é um mergulho no real. É uma das formas de elaboração do 'estar no



mundo', o que não quer dizer alívio ou descarga", diz.

Para a professora Rosângela Ainbinder, do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, o que torna Frida uma artista especial é a coragem em expor seu drama, sua própria natureza, sua fragilidade.

Já o professor Alberto Cipiniuk, doutor em História da Arte pela Universidade Livre de Bruxelas, na Bélgica, acredita que as imagens contidas nas telas de Frida não são cópia fiel de sua vida: "Ela não está falando dela própria. Ela toma seu corpo, sua história de vida como um suporte para a discussão do corpo numa sociedade extremamente opressiva à mulher", opina.

**"Ela faz de si mesma,
um território de
exploração, de
experimentação. Ela
expõe o coração, as
vísceras, a dor física,
o dilaceramento."**

Rosângela Ainbinder

Corpo na mente

Frida era obcecada por pintar como seus olhos viam, o que a levou a quebrar tabus, retratando imagens muito pessoais, intimamente relacionadas com o corpo e com a sexualidade feminina.

O professor Elmer Correa Barbosa, do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, ressalta que a pintora tentava fazer uma reflexão em torno da aparência das coisas, tendo privilegiado, essencialmente, a figura humana. "Ela explora o lado mais fantástico

da realidade e o corpo humano faz parte dessa compreensão do que é a existência. No auto-retrato, fica patente a surpresa dela com a própria imagem", afirma.

De acordo com o professor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio Alfredo Grieco – formado em Artes pela Universidade da Califórnia, nos EUA –, o corpo é um tema recorrente na obra da artista mexicana por ter passado por metamorfoses desde a adolescência. "A matéria que Frida vai trabalhar é ela mesma. Ela, muitas vezes, pintava seu corpo nu, deixando ver as cicatrizes, os coletes ortopédicos, a dor que ela sentia", observa.



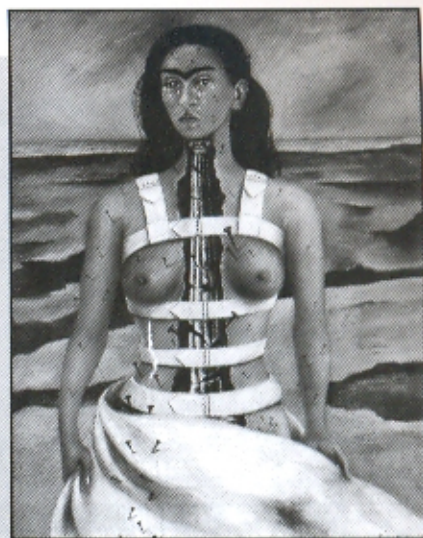
No entanto, o corpo de Frida não interfere no seu processo de criação, ao contrário dos artistas da Action Painting que usavam, por exemplo, dedos como pincéis.

"O corpo faz parte da obra na representação abstrata, mas não como linguagem", pondera a artista plástica Cristina Salgado, professora do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. "Ela é uma pintora primitiva, intuitiva", define a professora Rosângela Ainbinder. Ela identifica na obra de Frida a combinação de três estilos: o naíf, o expressionismo e o surrealismo. Segundo a professora, a dor era a marca da obra da artista: "Para Frida, mais do que nunca, era preciso viver, mas não de qualquer jeito; viver de um modo criativo".



A Coluna Partida, 1944

A Coluna Partida (1944) é um retrato da dor física vivenciada por Frida Kahlo. No quadro, ela aparece com pregos espetados em todo o corpo. As lágrimas correm, mas a face não muda de expressão. "Ela sofria, mas não podia mostrar ao mundo esse sofrimento. Ela quer, na realidade, manter a força de afirmação da sua vida e da sua obra. Por isso, o rosto sério", analisa Rosângela. Atrás de Frida, com sua coluna jônica, partida em vários pedaços, está um solo árido, pedregoso, corroído pela erosão. Esses elementos são a representação dela mesma.



Hospital Henry Ford, 1932

Frida entrelaçou vida e arte de uma forma intensa. Após ter abortado pela terceira vez, ela se retratou pequena e frágil deitada numa enorme cama em um deserto. No quadro Hospital Henry Ford (1932), também conhecido como A Cama Voadora, ela revela toda a incapacidade e a solidão sentidas naquele momento. "Ela quer expressar isso porque intui que o sofrimento não é apenas dela, mas também o de muitas mulheres", diz a professora Rosângela Ainbinder.

A idéia de abandono é reforçada pela paisagem industrial de Nova York no horizonte. Diante dela, a cama parece flutuar. O distanciamento das máquinas, das indústrias, do centro do desenvolvimento revelam, ainda, a ideologia da artista. Frida era uma revolucionária comunista. Chegava a dizer que havia nascido três anos depois, em 1910, declarando-se filha da Revolução Mexicana. Para ela, Nova York é a cidade que representa a cultura do objeto, que ela ideologicamente negava.

